

Entre o britânico e o estadunidense: discutindo o ensino de pronúncia da língua inglesa na Educação Básica brasileira

Marcos de Souza Ribeiro¹
Paula Bianca Balieiro Nunes²
Victor André Pinheiro Cantuário³

Resumo: O objetivo do artigo é tratar da presença e do uso das variantes britânica e estadunidense no ensino de inglês como língua estrangeira na rede regular de ensino da educação pública brasileira, bem como é discutida a importância atribuída aos falantes nativos e não nativos nesse processo. A metodologia utilizada foi de pesquisa com contornos bibliográficos, quanto ao uso das fontes, logo foram utilizados trabalhos que incidam diretamente sobre o tema selecionado para investigação. O resultado obtido mostra que para o ensino de pronúncia de uma língua estrangeira como o inglês, principalmente, devido à extensão territorial conquistada pela língua, em nível global, o método da abordagem comunicativa é o que se evidencia como o mais coerente porque não privilegia uma pronúncia específica da mesma forma que não exclui outras possibilidades. A partir da discussão, chegou-se à conclusão de que o ensino da pronúncia de uma língua estrangeira deve privilegiar os aspectos da inteligibilidade no processo de comunicação.

Palavras-chave: língua inglesa; pronúncia; variante; abordagem comunicativa; Inteligibilidade.

Abstract: This article aims to examine the presence and use of British and American variants in the teaching of English as a foreign language in the Brazilian public education system. It also discusses the importance attributed to native and non-native speakers in this process. The methodology used was bibliographic research, and works directly related to the selected topic were used for investigation. The results show that for teaching pronunciation of a foreign language such as English, the communicative approach method is the most coherent as it does not privilege a specific pronunciation but rather includes other possibilities. The conclusion reached from this discussion is that the teaching of pronunciation of a foreign language should prioritize aspects of intelligibility in the communication process.

Keywords: english language; pronunciation; variant; communicative approach; intelligibility.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo tratar da dicotomia entre duas das principais variantes da língua inglesa, a saber, a do inglês estadunidense e do inglês britânica, pretendendo-se evidenciar como cada uma é utilizada no ensino de língua estrangeira na escola pública brasileira.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: markin.rib@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: paula1balieiro@gmail.com.

³ Doutor em Estudos Literários (UNESP/FCL-Ar). Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/Campus Santana). E-mail: victor@unifap.br.

Tendo como elemento orientador a questão da pronúncia considerada ideal em relação a esta língua estrangeira, questiona-se se os professores da rede pública deveriam selecionar uma entre as duas principais variantes, optar por alguma de outros países que possuem o inglês como idioma oficial ou permanecerem indiferentes a esta situação?

Na categoria de objetivo principal, propõe-se investigar as diferenças entre o inglês estadunidense e o britânico, com foco na pronúncia, a fim de identificar os principais desafios enfrentados por alunos e professores no ensino e aprendizagem dessa língua estrangeira. Como objetivos específicos, propõe-se identificar alguns dos aspectos históricos relacionados ao ensino da pronúncia do inglês, bem como os três principais períodos de evolução da língua; catalogar preconceitos e deficiências relacionados à formação dos professores e discutir o espaço ocupado pelas duas principais variantes do idioma de modo a observar se há o estabelecimento de oposição ou cooperação entre si, a partir do fenômeno da variação linguística.

O trabalho foi realizado a partir de consulta a autores e textos que já problematizaram o tema do ensino de pronúncia de inglês na educação brasileira, caracterizando-se o estudo como de tendência bibliográfica quanto ao uso das fontes. Contudo, ressalte-se que houve dificuldade em encontrar trabalhos nesse tema.

Quanto à estrutura, o artigo está organizado em duas seções, cada uma dividida em duas subseções. O artigo inicia discorrendo sobre os aspectos históricos observando a pronúncia no ensino de língua estrangeira. Em seguida, observa a evolução do idioma destacando seus três principais períodos (*Old English*, *Middle English* e *Modern English*). Na segunda seção, o artigo dá ênfase às práticas do ensino de pronúncia em sala de aula e aos problemas recorrentes que professores tendem a enfrentar. A partir de estudos conduzidos sobre o tema, a última subseção propõe a discussão do problema levantado de maneira a se verificar a sua fundamentação e procedência.

1 Alguns aspectos históricos a respeito da pronúncia do inglês

1.1 Observações sobre a pronúncia no ensino de língua estrangeira

Em outros séculos, o ensino de língua estrangeira foi marcado por reflexões de ordem gramatical que trataram de aspectos do vocabulário e sintaxe, atribuindo uma função mais instrumental para a pronúncia das palavras. Em razão dessa postura, o estudo da fonética e fonologia de uma dada língua foi uma das áreas mais negligenciadas na sala de aula e na pesquisa até o século XIX.

Esse diagnóstico é apresentado por Kelly (1976) ao comentar que em comparação com países como a Índia, aqueles do Ocidente não desenvolveram sistemas de pronúncia tão acurados e uma das principais características desse modelo de ensino se baseava na imitação e repetição por aproximação.

Esse tipo de abordagem caiu em desuso logo que surgiu a perspectiva de ensino por análise, que somente aparece com o desenvolvimento das ciências fonéticas e dos estudos em fonologia pelo grupo do Círculo Linguístico de Praga (CLP).⁴ De acordo com Gomes (2021, p. 153) a distinção entre fonética e fonologia está no objeto de estudo. Enquanto a primeira estuda os “sons da fala humana”, a segunda se ocupa “dos fonemas”. Esse tipo de ensino se intensificou ao longo das décadas seguintes, superando outras perspectivas como a do método direto e sua visão naturalista (por imitação) de pronúncia.

Como influência do contexto comunicacional da Segunda Guerra Mundial, surgiu nos Estados Unidos o denominado método audiolingual. A sua proposta seguiu a necessidade de interações entre países aliados. Os condicionantes do momento reforçaram que o ensino da pronúncia deveria se concentrar no falante nativo (monolíngue). Segundo Barbosa (2010, p. 83), “os professores audiolinguistas utilizaram-se de recursos como tabelas, gráficos e transcrições fonéticas” além da incorporação de hábitos que tinham por objetivo a correção da pronúncia. Uma dessas estratégias de correção recebeu o nome de *minimal pairs*, ou seja, a correção se dava pela comparação e o “contraste entre formas linguísticas fonéticas distintas na L2 e na L1”, sendo a L2 a língua estrangeira e a L1 a língua materna do aprendiz. Um exemplo é apresentado na Tabela 1.

Quadro 1 – *Minimal pairs* português e inglês

Símbolo Fonético	Português	Inglês
W	mau	Wait
Ei	lei	Late
dʒ	adjetivo	Age
iə	tia	Ear
S	silva	Sea

Fonte: Adaptado de Michaelis (2023, n.p.)

⁴ O Círculo Linguístico nasceu em 1928 como resultado do Primeiro Congresso Internacional de Linguistas, sediado em Haia (Holanda). Foi nesse evento que os especialistas estabeleceram a corrente distinção entre fonética e fonologia.

Uma virada nos estudos da pronúncia ocorre nos anos de 1980 com a transição do método audiolingual para o comunicativo. O foco nesta nova perspectiva era o ensino de suprasegmentos⁵ em oposição ao ensino anterior que privilegiava os segmentos, ressaltando a inteligibilidade, que se importa com uma comunicação limpa e clara entre os falantes da língua. Com isso, as atividades das aulas de língua estrangeira deveriam trabalhar mais a entonação e o ritmo da fala sem a obrigação de se imitar a pronúncia de um falante nativo. Nesse caso, a ideia de “erro” é ressignificada.

Os professores começaram a ensinar a diferença entre as unidades fonológicas das línguas estrangeiras e a produção dos sons como uma formação de novos hábitos e com isso a distinção entre as unidades fonológicas dessas línguas começou a ser melhor problematizada. Dessa forma, tanto a fonética quanto a fonologia passaram a ocupar lugar de importância nesse novo contexto.

Identificar e tratar de erros como parte do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira requer cautela, afirma Barbosa (2010, p. 85), esclarecendo que mesmo bem-intencionadas “as correções dos professores revelam preconceito linguístico em relação à fala dos seus alunos. Essa é uma atitude preocupante, principalmente quando diz respeito ao inglês, língua que adquiriu status global no mundo atual.”

Segundo Kelly (2000), a importância de lidar com a pronúncia em sala de aula deve ser levada em consideração porque os “erros” dos alunos podem inibi-los de ter uma comunicação bem-sucedida. Isso permite compreender como tal aspecto é útil para avaliar a relevância da pronúncia no aprendizado e uma língua estrangeira, incluindo seus aspectos correlatos. Um exemplo que ilustra essa colocação é o do uso inadequado de elementos suprasegmentais, como acento ou entonação, veja-se:

a) Why don't you come to my PARTY?

Nesse primeiro exemplo, é possível observar que um convite é feito e os interlocutores estão na expectativa de que a primeira sílaba de *party* seja acentuada, conforme indicado com maiúsculas, havendo uma diminuição da emissão de voz ao final.

b) WHY don't you come to my party?

Por conseguinte, agora não é mais um simples convite. Em vez disso, há a sugestão de que alguém recusou o convite e de que o interlocutor está desapontado com isso, interessado

⁵ Crystal (2008, p. 466) define suprasegmental como “um termo usado em fonética e fonologia para se referir a um efeito vocal que se estende para além de um segmento de som em uma pronúncia, como o padrão de tom, o acento ou a junção. Em contraste com o ‘segmental’, é visto como uma das duas principais classes nas quais uma unidade fonológica pode ser dividida.”

em conhecer as razões da negativa. Se um aluno faz uso de entonação e ênfase inadequadas, é possível que se estabeleça um mal-entendido.

Em relação à importância da inteligibilidade para a comunicação em uma língua estrangeira, Ayo Bamgbose diz que nesse fenômeno está incluído “um complexo de fatos, compreendendo o reconhecimento de uma expressão, seu significado, e mais especificamente, o que o significado significa em determinado contexto sócio-cultural” (*apud* BARBOSA, 2010, p. 85), ou seja, não se trata de formar frases gramaticalmente corretas, mas de interagir em diversos contextos comunicativos. E para que ocorra a inteligibilidade com êxito, os aspectos socioculturais ocupam lugar de destaque no processo de comunicação (quem fala com quem, de onde e em que circunstâncias?).

Segundo Barbosa (2010, p. 86),

[a]postar na pronúncia tal qual a do falante “nativo”, como critério para se obter a inteligibilidade, é reduzir, em muito, o processo interacional de negociação lingüística. Ademais, corre-se o risco de se julgar o falante através de uma valoração negativa da fala bilíngüe, na medida em que a pronúncia deste, em comparação a daquele, pode ser avaliada como “errada”. Esse tipo de ênfase na pronúncia, ao invés do investimento na inteligibilidade, pode ensejar o preconceito lingüístico.

Quando intensificam o ensino da pronúncia sobre a imitação do falante nativo, os professores não apenas conduzem seus alunos para uma realidade distante do que acontece na prática do dia a dia. Eles podem, ao mesmo tempo, estimular um processo de aculturação favorecendo a convicção de que existem pronúncias superiores e inferiores.

Para que se tenha êxito no ensino de língua estrangeira, o fator sociocultural é de grande ajuda, pois assim como a criança aprende a falar também ouvindo o que as pessoas em volta falam, pode da mesma forma aprender uma língua estrangeira devido ao fato de o seu aparelho fonológico ainda estar em processo de formação.

Em comparação com o adulto, a criança tem a vantagem de estar predisposta à aquisição da segunda língua, aquele está mais predisposto à pressão social e aos olhares de reprovação caso cometa algum “erro” de pronúncia, por exemplo, e isso causa inibição. Novamente, aspectos socioculturais e emocionais entram em cena para demonstrar a dificuldade de aprendizagem de uma língua estrangeira por adultos, ou seja, há mais relação com questões individuais que problemas cognitivos ou de outra ordem (WESTIN, 2008; HARDACH, 2018).

Buscando compreender de que maneira o ensino de pronúncia tem sido problematizado em relação à língua inglesa, as próximas seções tratarão de apresentar um breve histórico do

idioma, enfatizando a divisão em três períodos específicos, e de discutir questões particulares da pronúncia entre as duas principais variações – a britânica e a estadunidense.

1.2 Os três períodos da língua inglesa

Atualmente, falado por mais de um bilhão de pessoas⁶ ao redor do mundo e considerada a língua oficial em mais de 20 países⁷, o inglês pertence à família das línguas germânicas ocidentais, ao lado do alemão e holandês, possuindo uma história que remonta ao ano de 449 d.C., segundo informa Gelderen (2006), e que tem sido dividida em três principais períodos: o *Old* (450-1150), o *Middle* (1150-1500) e o *Modern English* (1500 até os dias atuais).

O primeiro período é caracterizado pela falta de uniformidade, ou seja, ainda não é possível falar em língua inglesa como um fenômeno linguístico definido em razão da existência de dialetos que disputaram espaço. Outra característica é a presença de flexão, indicando singular e plural, e caso, semelhante ao latim, contudo, mais simplificado (GELDEREN, 2006).

Em relação ao primeiro, o segundo período é marcado pela presença de palavra advindas tanto do latim quanto do inglês, enquanto no momento anterior, o vocabulário estava marcado por um vocabulário essencialmente germânico. Outras mudanças envolvem a queda das terminações em substantivos, verbos e adjetivos, bem como das terminações que marcavam o sistema de casos. O *Middle English* também é caracterizado pelo chamado *Great Vowel Shift*, que representou uma profunda mudança na pronúncia das vogais em relação ao período anterior. Esse fenômeno inicia em torno do século XV e será visto como finalizado no século XVIII, já na regência do *Modern English* (GELDEREN, 2006; BAUGH; CABLE, 2005).

O último período é conhecido como aquele no qual o inglês já possui *status* de língua unificada, com regras e gramática definidas, e é o momento em que a literatura sofrerá um salto qualitativo, através da produção de importantes nomes como William Shakespeare.

Importante observar que entre o período inicial e o final da história do inglês as diferenças mais notáveis estiveram circunscritas à pronúncia, à escrita (morfologia) e à sintaxe. Uma palavra como *stone* (pedra), por exemplo, em *Old English* era escrita como *stān* (BAUGH; CABLE, 2005). Tais diferenças contribuíram como marca da transição entre os três estágios da língua. E essas são marcas que irão definir tanto aspectos formais quanto relacionados ao ensino do idioma.

⁶ Em 2020, 1,27 bilhões de pessoas falavam inglês ao redor do mundo (CRYSTAL; POTTER, 2023).

⁷ Ver: English speaking countries 2023. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/english-speaking-countries>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Dessa forma, devido à sua expansão territorial, nos séculos seguintes, cabe notar que o inglês, na condição de Língua Estrangeira (LE), terá duas principais variantes se sobressaindo entre as demais, quais sejam, a britânica e a estadunidense.⁸

Além disso, as duas são as mais mencionadas quando se pretende estabelecer comparações e exemplos não somente na pronúncia, mas também na escrita e no vocabulário. Esses aspectos de ambas serão apresentados de maneira detalhada na seção seguinte.

2 A prática de ensino da pronúncia do inglês no Brasil

2.1 Preconceitos e crenças que dificultam o aprendizado

Para tratar das práticas do professor de língua estrangeira em sala de aula, é preciso compreender alguns dos aspectos presentes na atuação deste profissional. Primeiro, para se tornar um professor de língua estrangeira, é necessário concluir um curso de graduação em Licenciatura.

Segundo Bagno e Rangel (2005. p. 65), os cursos de graduação em Letras têm se concentrado no que chamam de “gramática da frase, deixando de lado as regularidades da enunciação e do texto”. A fala dos autores se direciona para o ensino da língua materna (português) com ênfase no aprendizado das regras da norma culta ou padrão, ficando em segundo plano a aplicação da língua em situações reais de comunicação, que também é habilidade essencial para a educação linguística do aluno.

De toda forma, tais conclusões podem seguramente ser direcionadas para a formação em Letras com ênfase (habilitação) em uma determinada língua estrangeira tendo em vista o aspecto formalista (normativo) presente ou no direcionamento teórico ou na matriz curricular de algumas instituições de ensino que ofertam o curso em questão.⁹

Dessa maneira, ao desprivilegiar um aprendizado que proponha ao acadêmico um ensino de língua que conecte o aluno com a realidade linguística do local e do país em que vive, o curso desenvolve a consciência de que apenas uma dimensão, a normativa, deve ser objeto de estudo, atribuindo menor importância ao restante, como aos aspectos sociolinguísticos, por exemplo.

⁸ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também assim se refere às duas variantes mais ensinadas do inglês no contexto brasileiro (BRASIL, 2018).

⁹ Texto base para essa afirmação: PPC do curso de Letras – Inglês da UEPB, PPC do curso de Letras – Inglês da UFPA e PPC do curso de Letras – Inglês da IFB

Esse diagnóstico permite observar um conjunto de deficiências que estarão presentes na prática do futuro professor como a impossibilidade de avaliar circunstancialmente a necessidade de mudanças em seu planejamento e prática docentes a fim de atender às demandas do momento.

Dentro do ambiente escolar ainda tem sido priorizada a língua que condiz com a regras gramaticais, contudo, nos momentos extraclasse ficam evidentes as variações que a língua manifesta e as possibilidades que esse fenômeno contém para um trabalho cada vez mais diversificado para o ensino e a aprendizagem da língua, seja materna ou estrangeira (LOPES; CAVALCANTE, 2018).

Caso contrário, as variações no ensino da língua materna ou estrangeira que se afastem do aspecto normativo serão consideradas inferiores dentro da sala de aula. Em se tratando especificamente do ensino de uma língua estrangeira como o inglês, a situação não diverge em absoluto, pois o ensino de inglês no Brasil também tem desvalorizado o trabalho com a variação, destacando apenas uma de suas variantes e ainda mais explorando a perspectiva da pronúncia alinhada com a ideia do falante nativo.

Além disso, um conjunto de concepções sem qualquer respaldo em pesquisa ou prática tem sido responsável pela defesa de um ensino cada vez menos inclusivo e preocupado com o aprendizado de uma língua estrangeira. Exemplos de tais concepções ou crenças são apontados em estudo realizado por Villarin (2008) na rede pública paulista. Algumas das crenças identificadas pelo autor são as seguintes:

Manter uma rotina de aulas focadas no ensino da gramática, pensar que saber a língua “corretamente” antecede ao “ter permissão de usá-la”, que é impossível aprender inglês nas salas regulares da escola pública, que os alunos não gostam de aprender inglês por saber que a sala de aula não é o espaço para seu aprendizado, que aprender inglês é aprender a falar (seja lá o que isso signifique!), que os professores não ensinam a língua por não serem proficientes no idioma que ensinam, que a falta do livro didático de língua inglesa (não privilegiado nas indicações do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático) impede o trabalho do profissional (VILLARIN, 2008, p. 156-157).

Nota-se que uma formação acadêmica que privilegie o potencial de componentes curriculares como a “Sociolinguística” pode oferecer ao professor insights sobre como a variação linguística é influenciada por fatores sociais, como a classe social, a idade e o gênero, bem como a importância de considerar as variedades dialetais, no caso do inglês, o britânico e o estadunidense, por exemplo.

De maneira complementar, o conhecimento adquirido no componente curricular “Semântica” pode auxiliar o professor no ensino de nuances de significado em palavras e expressões que podem variar de acordo com o contexto ou região. E o componente “Linguística Aplicada” pode fornecer abordagens práticas para aprimorar a habilidade dos alunos na língua inglesa.

Acredita-se que um professor estará devidamente preparado para lidar com o fenômeno da variação no ensino da língua inglesa no contexto brasileiro se realizar estudos aprofundados em áreas do conhecimento como a Sociolinguística, a Semântica e a Linguística Aplicada, entre outras correlatas, a fim de adquirir um conjunto de ferramentas e instrumentos conceituais que permitam intervenções favoráveis na sala de aula quando for tratar de pronúncia de maneira a estimular a percepção dos alunos para a questão da variação e de suas manifestações, evitando, dessa forma, a concentração em apenas uma variante e a propagação de preconceitos e crenças como aqueles acima indicados.

2.2 Britânico *versus* estadunidense ou britânico e estadunidense? Questão de oposição ou de cooperação? O ensino da pronúncia do inglês pelo fenômeno da variação

A distinção já estabelecida entre as duas principais variações da língua inglesa é objeto de discussão e discordância tanto no ambiente da educação formal quanto extraclasse. Enquanto fora da escola questões de ordem política e cultural se impõem na escolha de uma das variantes para ser ensinada /aprendida, em seu interior a escolha finda por ser unilateral: é institucional e o aluno tem pouca ou nenhuma interferência no debate.

Uma forma de se desconstruir essa visão na escola é de o professor ser apresentado ao problema ao longo de sua formação acadêmica para que possa construir uma consciência menos propensa ao formalismo e mais alinhada com as demandas socioculturais da atualidade, não podendo ignorar fenômenos como o da globalização e do hibridismo cultural.¹⁰

Essa movimentação é importante para que se desconstruam perspectivas pedagógicas que devolvam os alunos a um tempo e espaço nos quais sua função era de apenas ouvinte passivo do que era apresentado pelos professores. É importante também para que seu aprendizado de uma língua estrangeira como o inglês não esteja e seja preenchido de preconceitos e estereótipos sobre um falar “correto” e “melhor” em detrimento de outros.

¹⁰ O fenômeno do hibridismo cultural dá conta das relações existentes entre distintas culturas que a partir do contato estabelecido se modificam mutuamente.

Veja-se, por exemplo, a questão do sotaque.¹¹ Na Inglaterra, o padrão é chamado de *received pronunciation*, enquanto nos Estados Unidos, o sotaque privilegiado como modelo é chamado de *general american* (MELO, 2008). Nesse caso, as diferenças entre um e outro estão restritas mais ao campo da pronúncia, do vocabulário e das formas gramaticais. Existem algumas diferenças ortográficas como o caso do *-our* / *-or*. Ao passo que na Inglaterra se escreve *colour* e *flavour*, nos Estados Unidos se escreve *color* e *flavor*. Outro caso característico está presente no *-re* / *-er*, como em *centre* e *theatre* no inglês britânico contra *center* e *theater* no estadunidense.

Essa é uma dificuldade com a qual professores e alunos de inglês como língua estrangeira se deparam, questionando-se a respeito de qual a forma “correta” seja na escrita ou na pronúncia. Esse é um dos motivos que evidencia a importância do trabalho com as variações.

Para ilustrar as diferenças relacionadas ao vocabulário, Melo (2008) apresenta algumas ocorrências bastante conhecidas que são as seguintes:

- *Chips* / *French fries* (batata frita);
- *Rubber* / *Eraser* (borracha);
- *Lorry* / *Truck* (caminhão);
- *Postman* / *Mailman* (carteiro);
- *Underground* / *Subway* (metrô);
- *Flat* / *Apartment* (apartamento).

Note-se que os exemplos da esquerda são do inglês britânico e os da direita são do estadunidense. Ainda sobre o mesmo aspecto pode ser citado o caso do *present perfect* que é usado na Inglaterra para indicar uma ação que aconteceu no passado e ainda afeta o presente. Por exemplo, na Inglaterra, o falante diz: “I’ve lost my ID. Can you help me look for it?”. Já nos Estados Unidos, seria “I lost my ID. Can you help me look for it?”. Neste caso, é notória a divergência no uso do tempo verbal.

De tal modo a variação é uma constante de qualquer língua que mesmo no Reino Unido a gramática e o vocabulário apresentam usos distintos. Em alguns locais, pessoas dizem *we was* ou *they was*, poucos quilômetros depois, dizem *he were* e *she were*.

Em razão dessas representações e a fim de observar possíveis caminhos de ensino de inglês cada vez mais sintonizados com as transformações socioculturais que vem se apresentando ao longo das últimas décadas e têm impactado diretamente a proposição de teorias

¹¹ Sotaque é um conceito que reflete as características de pronúncia de uma pessoa permitindo identificar uma possível origem, seja regional ou social (CRYSTAL, 2008).

e práticas de ensino, cabe observar casos de pesquisas que demonstram de que maneira um trabalho pluralizado com a pronúncia da língua inglesa é capaz de otimizar a percepção do estudante sobre esse campo de estudo.

Uma das pesquisas que tratou de investigar o ensino de inglês, o tema da variação e metodologias de ensino de pronúncia foi a de Melo (2008), que se concentrou em duas escolas de idiomas, categorizadas no estudo como Escola A e Escola B, aplicando questionários aos participantes como procedimento de coleta de dados.

Segundo a discussão dos resultados, o autor observou que a Escola A lançava mão de uma perspectiva de ensino behaviorista, manifesta na prática de ouvir a fala de um nativo (estadunidense) e repeti-la (MELO, 2008). De posse das concepções defendidas ao longo do texto, compreende-se que tal método é inadequado quando se ensina língua estrangeira, pois é inevitável que ocorra variação de pronúncia seja nos momentos formais ou informais de prática.

Na Escola B, Melo (2008) observa que o ensino da variação linguística não se baseia em uma variante específica do inglês, pois o curso é direcionado para a comunicação internacional, de tal maneira que fazem uso da abordagem comunicativa.¹² Nessa escola, quando se trata da variação linguística, o tema é abordada como registro informal, inerente à língua, mas que difere da norma padrão do inglês, sendo importante compreender que o inglês varia em alguns países dentro da norma padrão.

Em relação ao material didático utilizado pelas duas instituições, Melo (2008) notou que na Escola A não se encontram variações além da diatópica¹³ entre o inglês estadunidense e o inglês britânico, mas sem menção a manifestações internas dessa categoria. Na escola B, predomina a variação diafásica¹⁴ que se justifica pela abordagem privilegiada no processo de ensino. Contudo, ambas as escolas não mostram as outras variações do inglês, concentrando-se somente na britânica e estadunidense, sem qualquer menção às variações presentes em países do *Inner Circle*.¹⁵

Em outra pesquisa, Swiech (2015) contou com a participação de 30 professores de 3 setores diferentes, 10 pertencentes ao ensino regular, 10 de escolas de idiomas e 10 do ensino superior. O autor dividiu os questionários em 3 partes: a primeira voltada para coletar informações pessoais do professor (nome, idade, ambiente de ensino e se falava outro idioma

¹² Abordagem comunicativa é a forma de ensino de idioma de acordo com sua utilização na comunicação.

¹³ A variação diatópica é a variação da língua em função do lugar.

¹⁴ A variação diafásica é a variação de estilo ou de registro que é adequada à situação de fala.

¹⁵ Enquanto a expressão *Outer Circle* se refere aos países que consideram a língua inglesa como segundo idioma oficial (Singapura, Filipinas, Índia e Nigéria), *Inner Circle* se refere àqueles que a têm como língua materna (EUA, Reino Unido, Austrália e Canadá), já *Expansive Circle* se refere aos países onde a língua inglesa é amplamente ensinada como língua estrangeira (Japão, a China e o Brasil).

além do inglês); a segunda para descrever a sua percepção da pronúncia, tanto a própria quanto a que utiliza em sala de aula; a terceira discutindo afirmações em relação à pronúncia em geral, podendo concordar totalmente, parcialmente, discordar totalmente ou parcialmente, e complementar as respostas.

Por serem professores de ambientes diferentes, notoriamente há diversificação nas metodologias de ensino utilizadas. Devido a esse aspecto, a pesquisa encontra uma discrepância entre a pronúncia autodeclarada dos professores de inglês e seu foco no ensino do inglês como língua franca.¹⁶

Embora a maioria dos professores classifique sua própria pronúncia como inglês estadunidense, tende a se concentrar no ensino do inglês como língua franca, com menos professores escolhendo o inglês estadunidense como foco de ensino, somente aqueles de escola de idiomas que aparentam valorizar mais o inglês estadunidense. A pesquisa também constatou que os professores do ensino regular se dividiram entre os tipos de pronúncia.

Finalmente, a pesquisa encontrou uma opinião dividida entre os professores sobre a ideia de imitar falantes nativos como modelo ideal de pronúncia. Nota-se que os dados trazem opiniões que transitam de concordar ou discordar parcialmente. A respeito dessa metodologia, os professores de escolas de idiomas estão na maioria que a defende e os que mais discordam são os professores de ensino superior.

Um dos professores do ensino regular menciona que a comunicação deve ser o foco do ensino de inglês de modo que “seja completamente inteligível” (SWIECH, 2015, p. 21). Por outro lado, um professor de escola de idioma defende a internacionalidade da língua. Entretanto, um professor de ensino superior comenta que a pronúncia de um nativo serve de modelo, mas afirma que não deve ser contemplada como a única referência (SWIECH, 2015).

A partir das pesquisas mencionadas, observa-se que há várias abordagens de ensino de pronúncia, segundo pode-se notar nas respostas dadas pelos professores nos questionários, demonstrando que em alguns momentos, expressavam concordância a respeito de uma pronúncia, e em outros, discordavam. Por exemplo, o grupo de professores da escola de ensino regular se dividiu entre os tipos de pronúncia, que seriam aquela reproduzindo a fala do nativo *versus* a que se consegue pronunciar, mas contando que haja inteligibilidade na pronúncia.

O ensino de língua estrangeira também implica no ensino de cultura e as marcas da fala estão inseridas neste domínio porque manifestam não apenas o lugar ou país de onde alguém é proveniente como aspectos de sua identidade, pois a língua funciona conforme a cultura de

¹⁶ Inglês como língua franca é a língua comum usada como meio de comunicação entre pessoas de diferentes países ou regiões que não compartilham uma língua materna.

quem se fala. Segundo Paula (2010, p. 4), o professor tem o trabalho de “desmistificar a concepção de que o ensino da pronúncia seja necessariamente associado à ideia de supervalorização de uma língua ou cultura estrangeira”.

Como já visto, tentar reproduzir a pronúncia do nativo é uma tarefa que não necessariamente contribui para o aprendizado. De fato, pode dificultar o empenho nos estudos e interferir no interesse do aluno em aprender uma língua estrangeira. O objetivo deve ser algo para além da “perfeição” na pronúncia. A autora afirma também que essa supervalorização da pronúncia do nativo pode se classificar como alienação, pois a pronúncia faz parte da cultura de um determinado país, estado, grupo etc.

Para o ensino da pronúncia, de acordo com os estudos feitos sobre a evolução do tema, e também com as pesquisas exemplificadas neste trabalho, a abordagem que se considera mais adequada para ser utilizada é a comunicativa, pois a pronúncia é ensinada de forma contextualizada, ou seja, a partir de situações reais de comunicação, o que ajuda os alunos a associarem a pronúncia com o uso adequado da linguagem, já que a língua não é praticada socialmente conforme as regras da gramática normativa.

Quanto à diferença entre a pronúncia do inglês britânico e do estadunidense, ambos têm diferenças na entonação, ritmo e sons, mas o inglês não varia somente nestes dois países, sofre diversas variações tanto naqueles do *Inner* quanto do *Outer Circle*. No entanto, a abordagem comunicativa sugere que não é necessário focar nas diferenças regionais e sim desenvolver uma pronúncia clara e compreensível, capaz de ser utilizada para se comunicar efetivamente em qualquer contexto.

No geral, Paula (2010) destaca a importância de ensinar a pronúncia do inglês dentro de uma abordagem comunicativa, que enfatiza o desenvolvimento da habilidade de comunicação oral e a contextualização da aprendizagem, ao invés de se preocupar com diferenças regionais específicas.

Essa perspectiva, que se buscou seguir ao longo do estudo, dialoga com um ensino de língua inglesa cada vez menos normativa, mas, igualmente, cada vez menos impositivo, pretendendo dar ênfase a um ideal de língua que é completamente abstrato. O entendimento que se defende e se observa em vigor atualmente vai na direção contrária porque observa e dá respaldo às particularidades do aluno, interessado tanto no aprendizado da língua em si quanto na apreensão de experiências culturais e linguagem que não se fixam em percepções externas ao seu meio, mas próximas de sua realidade e de seu contexto de aprendizagem.

Considerações Finais

O estudo que se seguiu possibilitou a compreensão de que a abordagem comunicativa é importante dentro do ensino de um novo idioma. Além disso, pesquisas apontam que o inglês ensinado é internacional por isso não deve haver ênfase em qualquer variante linguística específica.

A língua inglesa ensinada pela abordagem comunicativa acaba se caracterizando como língua porque o destaque é dado não apenas às variantes britânica e estadunidense, as quais ainda servem como parâmetro aos alunos quando a questão é: qual inglês deve ser ensinado na escola?

O fato de o inglês ensinado na escola pública abordar somente as pronúncias britânica e estadunidense acaba limitando e, por consequência, favorecendo o surgimento de diversos preconceitos linguísticos com as outras variantes. A internacionalidade da língua relaciona-se a um aspecto pragmático em sala de aula e o importante é saber se comunicar na língua inglesa, não sendo relevante a assimilação de uma determinada variante da língua ou de sua pronúncia ideal.

A forma adequada de falar um idioma é aquela em que a mensagem que se quer transmitir é entendida claramente pelo interlocutor. Não se trata apenas de seguir as regras gramaticais e de pronúncias corretas ou idealizadas, mas também de levar em conta o contexto da conversa e a audiência a quem está o discurso é dirigido. Se o objetivo da comunicação é estabelecer uma conexão entre pessoas, isso somente acontece quando a mensagem é compreendida e interpretada de forma coerente. Portanto, a ênfase deve estar na clareza da mensagem e não nos aspectos formais da língua.

Tendo em vista o ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras, seria importante a valorização da cultura de outros países que adotaram o inglês como idioma oficial, buscando-se desconstruir a visão que privilegia apenas uma matriz cultural, seja a britânica ou a estadunidense.

REFERÊNCIA

- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/LdCCsV35tZzGymcnq8DcW5p/?lang=pt>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- BARBOSA, José Roberto Alves. Nem britânico, nem americano: o ensino da pronúncia do inglês como língua internacional. **Revista de Letras**, v. 1, n. 30, p. 82-92, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2384>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas. **A history of the English language**. Fifth Edition. London: Routledge, 2005.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jan. 2023.
- CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. Sixth Edition. Oxford, OX: Blackwell Publishing, 2008.
- CRYSTAL, David; POTTER, Simeon. English language. **Encyclopedia Britannica**, 8 feb. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/English-language>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- GELDEREN, Elly van. **A history of the English language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.
- GOMES, Maria Lucia De Castro. A evolução dos estudos em Fonética e Fonologia e o ensino de pronúncia em língua inglesa. **LaborHistórico**, v. 7, n. 2, p. 147-182, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/39955/24695>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- HARDACH, Sophie. As vantagens de cada idioma para aprender um novo idioma. **BBC News Brasil**, 15 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-46515703>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- KELLY, Gerald. **How to teach pronunciation**, v. 1. 1. ed. Harlow: Pearson Education Limited, 2000.
- KELLY, Louis G. **25 centuries of language teaching**. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1976.
- LOPES, Maria Ailma Ferreira; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A importância da sociolinguística educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. **Anais FLIPA**, p. 88-98, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.
- MELO, Michéle Muliterno de. **Dat's ain't the language I've learned**: como a variação linguística é apresentada nos livros didáticos de cursos de franquia destinados ao ensino de

inglês. Dissertação (Mestrado em Letras). Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 2008.

MICHAELIS. Transcrição fonética do inglês. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-ingles/transcricao-fonetica-do-ingles/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PAULA, Luciane Guimarães de. Ensino de pronúncia e a abordagem comunicativa. **Caderno de Pós-graduação em Letras**, vol. 3, n. 1, p. 153-163, jul. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/5053/5470/>

SOUSA, Yndhira Oliveira de. **A expansão das variedades linguísticas do inglês**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Inglês) Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2019.

SWIECH, Rafael. **Ensino de pronúncia**: Visões de professores de inglês em três contextos diferentes. Monografia (Especialização em ensino de línguas estrangeiras modernas) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VILLANI, Fábio Luiz. O efeito das crenças dos professores de língua inglesa na escola pública. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 2, p. 141-155, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/download/1638/1640>. Acesso em: 2 mar. 2023.

WESTIN, Ricardo. Adultos têm mais dificuldade para aprender 2ª língua. **Folha de S. Paulo**, 19 out. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1910200821.htm#:~:text=Voc%C3%AA%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20s%C3%B3,problema%20%C3%A9%20por%20vezes%20p%C3%B3s%20glico>. Acesso em: 17 mar. 2023